

# RELAÇÕES EDUCATIVAS ENTRE ECONOMIA SOLIDÁRIA E SUSTENTABILIDADE NA FEIRA DO AGRICULTOR FAMILIAR: O PAPEL DO EDUCADOR SOCIAL

## EDUCATIONAL RELATIONSHIPS BETWEEN SOLIDARY ECONOMY AND SUSTAINABILITY AT THE FAMILY FARMER FAIR: THE ROLE OF THE SOCIAL EDUCATOR

João Plínio Ferreira de Quadros 1

Rafael Grigório Reis Barbosa 2

Nívia Maria Vieira Costa 3

**Resumo:** O artigo objetivou analisar a práxis pedagógica do educador social e sua relação com o desenvolvimento sustentável na experiência de Economia Solidária em Feira de Agricultor Familiar. Epistemologicamente, a pesquisa foi construída a partir do diálogo com teóricos, como Singer (2002, 2015) e Gadotti (2000, 2009), os quais apresentam a Economia Solidária como um ato pedagógico, e ainda, como experiência social de estímulo à preservação do meio ambiente. O estudo foi realizado em uma Feira de Agricultor Familiar, localizada no município de Bragança-PA, Amazônia Oriental, em virtude de toda organização documental, arquivo fotográfico e histórico de nove anos pautados nas experiências de Economia Solidária. Procedimentalmente lançou-se mão da observação participante e entrevistas semiestruturadas com educadores populares e feirantes. A partir da análise de conteúdo emergiu, entre os resultados, que a experiência de economia solidária vivenciada na Feira do Agricultor Familiar de Bragança-PA apresenta-se como práxis pedagógica, a qual é realizada através de formações da Cáritas Diocesana de Bragança e EMATER, entre os próprios sujeitos e intercâmbios entre comunidades. As atitudes de preservação da natureza e de desenvolvimento sustentável, por parte dos feirantes estão ligadas diretamente às práticas tradicionais e saberes populares que estes carregam ao longo de suas vidas.

**Palavras-chave:** Agricultura familiar. Economia solidária. Sustentabilidade. Educador Social.

**Abstract:** The article aimed to analyze the pedagogical praxis of the social educator and its relationship with sustainable development in the Solidarity Economy experience at the Family Farmer Fair. Epistemologically, the research was built from the dialogue with theorists, such as Singer (2002, 2015) and Gadotti (2000, 2009), who present the Solidarity Economy as a pedagogical act, and also as a social experience of stimulating the preservation of environment. The study was conducted at a Family Farmer Fair, located in Bragança-PA, due to the entire documentary organization, photographic archive and historical archive of nine years based on Solidarity Economy experiences. Procedurally, participant observation and semi-structured interviews with popular educators and marketers were used. From the content analysis emerged, among the results, that the experience of solidarity economy lived at the Family Farmer's Fair of Bragança-PA is presented as pedagogical praxis, which is carried out through training of the Diocesan Caritas Bragança and EMATER, between the subjects themselves and exchanges between communities. Attitudes of nature preservation and sustainable development by the marketers are directly linked to the traditional practices and popular knowledge that they carry throughout their lives.

**Keywords:** Farmers' Fair. Solidarity Economy. Sustainability. Social Educator.

Mestrando em Linguagens e Saberes da Amazônia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação de Jovens e Adultos e Diversidade na Amazônia – GUEAJA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/303746078527168>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2456-353x>. E-mail: [joaoambiental2017@gmail.com](mailto:joaoambiental2017@gmail.com)

Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – IFPA/Câmpus Bragança. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4040526153858986>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9370-5151>. E-mail: [rafael.barbosa@ifpa.edu.br](mailto:rafael.barbosa@ifpa.edu.br)

Pós-doutora em Educação de Adultos e Educação Profissional pela Universidade de Coimbra. Doutora em Educação. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – IFPA/Câmpus Bragança. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1036524729265967>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1077-8011>. E-mail: [nivia.costa@ifpa.edu.br](mailto:nivia.costa@ifpa.edu.br)

## Introdução

O presente artigo objetivou analisar a práxis pedagógica do educador social e sua relação com o desenvolvimento sustentável na experiência de economia solidária da Feira do Agricultor Familiar em Bragança-PA, Amazônia Oriental. A motivação inicial desta pesquisa deu-se pelo cenário socioambiental que a cidade de Bragança apresenta, além das peculiaridades religiosas e culturais, cujas principais atividades socioeconômicas são: agricultura, pesca artesanal e industrial, extração e o beneficiamento de caranguejo. É rica em exuberâncias naturais, com muitos igarapés, praias, berçários de aves e possui cerca de 180 km<sup>2</sup> contínuos de manguezais, o segundo maior do mundo (GLASER, 2005). Outrossim, a Resolução nº 10 do CONAMA, de 1º de outubro de 1993, define o manguezal como:

[...] vegetação com influência flúvio-marinha, típica de solos limosos de regiões estuarinas e dispersão descontínua ao longo da costa brasileira. Nesse ambiente halófito, desenvolve-se uma flora especializada, ora dominada por gramíneas (*Spartina*) e amarilidáceas (*Crinum*), que lhe conferem uma fisionomia herbácea, ora dominada por espécies arbóreas dos gêneros *Rhizophora*, *Laguncularia* e *Avicennia*. De acordo com a dominância de cada gênero, o manguezal pode ser classificado em mangue vermelho (*Rhizophora*), mangue branco (*Laguncularia*) e mangue negro (*Avicennia*) (BRASIL, 1993).

Ademais, conforme apontado por Cordeiro, Arbage e Schwartz (2017) a Microrregião Bragantina é composta por treze municípios, a saber: Augusto Corrêa, Bonito, Bragança, Capanema, Igarapé-Açu, Nova Timboteua, Peixe Boi, Primavera, Quatipurú, Santa Maria do Pará, Santarém Novo, São Francisco do Pará e Tracuateua. Os impactos no meio ambiente já são realidade na região bragantina. Esses impactos, causados pela atividade do ser humano, quebram o equilíbrio ecológico e provocam graves prejuízos ambientais.

No cerne desta questão, Costa (2012) cita a construção da rodovia PA-458 (estrada Bragança - Ajuruteua), obra que gerou muitos problemas e representa um dos maiores impactos ambientais causados aos manguezais da Amazônia bragantina. Tais impactos impediram o encontro das águas dos Rios Caeté e Taperuçu, ponto no qual a estrada que corta o manguezal serve de barragem para a transição das águas dos dois rios e também dos nutrientes necessários para a manutenção da vegetação de mangue. Segundo Gadotti (2000), o sucesso da luta ecológica está na capacidade de os ecologistas convencerem a população que não basta apenas limpar rios e despoluir o ar. É preciso dar soluções simultâneas aos problemas ambientais e sociais.

Nesta linha, outros impactos ambientais, com amplitude para problemas sociais, estão sendo percebidos em Bragança, como, por exemplo, os que acontecem na Feira Livre do município. Bem peculiar, a feira de Bragança é o local por onde transitam milhares de cidadãos bragantinos diariamente. Nessa dinâmica, várias relações interpessoais são estabelecidas e contribuíram para a construção da identidade do espaço, que abriga o imponente “Mercado de Carne” e o histórico “Mercado de Peixe”. Crucial para a economia bragantina, o lugar é utilizado pelos trabalhadores para comercializar dois dos principais produtos da região: a farinha e o pescado, produção que confere notoriedade ao município no Pará, região amazônica e no Brasil, de modo especial.

Todavia, toda essa riqueza econômica e cultural vem sofrendo com impactos sócios ambientais. Segundo Ferreira (2012), a característica ambiental da Feira Livre de Bragança é de baixa qualidade. Encontram-se altos níveis de poluição devido à grande circulação de pessoas. Muitos sujeitos que ali trabalham desconhecem o valor de importância de se manter e conservar o local adequado para a comercialização de mercadorias. Percebe-se que a depreciação da feira livre do município de Bragança é marcada pela falta de padronização e organização dos equipamentos e espaços de venda, mau condicionamento do lixo e manipulação inadequada dos alimentos.

Entretanto, no mesmo município, acontece a Feira do Agricultor Familiar, que é organizada a partir das experiências de Economia Solidária. Segundo José Pereira de Barros Filho, conhecido como “Seu Zezinho”, agricultor aposentado, sócio do Sindicato dos Produtores e Produtoras Rurais de Bragança (SPPRB) e um dos fundadores da feira, Padre Nelson Magalhães, em 2009, que na

época representava a Cáritas Diocesana de Bragança para prestigiar o Dia do Trabalhador Rural, organizou o Seminário denominado “Festival da Mandioca”, onde houve a participação de 111 pessoas dos diversos segmentos da sociedade bragantina. No final do evento, surgiu novamente a ideia de uma Feira do Produtor Rural, mas com o nome Feira do Agricultor Familiar.

Os empreendimentos de economia solidária buscam articulações e o equilíbrio entre a responsabilidade socioambiental e a viabilidade econômica. As experiências da economia solidária configuram-se como chance educativa de oportunizar alunos, trabalhadores e professores à educação contextualizada e dialógica no processo de construção do conhecimento (HICKENBICK, 2014).

Mediante o exposto, apresentou-se como problema da pesquisa: como se realiza a práxis pedagógica e sua relação com o desenvolvimento sustentável na experiência de Economia Solidária da Feira do Agricultor Familiar em Bragança?

Os dados deste artigo advêm das análises da problemática ora apresentada, com intuito de comprovar as conjecturas iniciais de que a economia solidária realizada na Feira do Agricultor Familiar contribui como práxis pedagógicas para o desenvolvimento sustentável em Bragança.

### **As Relações Teóricas entre Economia Solidária e Educação**

Para explicar a trajetória da Economia Solidária e relatar as experiências educacionais que acontecem nesses empreendimentos, foram selecionados autores que se dedicam ao estudo das mudanças nas relações econômicas através de uma educação transformadora: Singer (2002; 2005), Hickenbick (2014), Freire (2013; 2017) e Gadotti (2000; 2009).

Para Singer (2002), a origem da Economia Solidária se deu logo após o capitalismo industrial. Teve como berço a Inglaterra, no início do século XIX, depois do empobrecimento e expulsões de artesãos causados pela difusão das máquinas e da organização fabril de produção.

Em 1817, Robert Owen apresentou uma proposta de construção de aldeias cooperativas. Assim, os pobres seriam reinseridos no trabalho ao invés de ficarem desocupados. O francês Charles Fourier também apresentou, na época, uma nova concepção para coletividade. Na oportunidade, criaram uma grande comunidade autogestionária chamada falanstério. Segundo Oliveira (2015), a Economia Solidária fortalece-se, na década de 1970, devido aos impactos negativos na classe mais carentes da população decorrentes pela crise do sistema fordista-taylorista. Desta maneira, a economia solidária é concebida com o intuito de superação da divisão de classes, por isso há o esforço da união entre associações e cooperativas. As relações sociais na Economia Solidária “pautam-se pela prática da democracia na tomada de decisões. Todos, em princípio, participam dela, cada cabeça tendo um voto” (SINGER, 2005, pág.14),

Hickenbick (2014) acrescenta que a economia solidária ganha relevância pelas atividades mercantis limitadas pela perspectiva social e ecológica. Igualmente, pelos seus princípios e características de educação, solidariedade, emancipação social e responsabilidade socioambiental.

A relação entre educação e economia solidária, no contexto brasileiro, desenvolveu-se a partir das influências educativas pautadas na educação popular. Moacir Gadotti foi um pioneiro nesse envolvimento. No final dos anos 80, integrou uma Associação Internacional de Educação Comunitária - ICEA. Nesse momento histórico, uniu-se a pensadores latino-americanos que criaram um programa de economia popular chamado “fator C”. Segundo esses educadores, essa letra “C” compreendia as palavras: cooperação, corresponsabilidade, comunicação e comunidade.

Os educadores populares latino-americanos perceberam que a produção associada gerava valores solidários, participação, autogestão e autonomia. Ou seja, tudo contrário ao que preconiza o capital: rentabilidade e lucro. Na oportunidade, criaram um programa com os eixos: Organização Popular Comunitária e Economia Popular de Solidariedade.

Com isso, foi construído, ao longo dos anos 90, novos conceitos para economia popular. Denominações distintas, mas inseparáveis, como: economia social, socioeconomia, economia de dádiva, economia popular solidária. Hoje, há vários entendimentos do que é Economia Solidária - ECOSOL. Não há um conceito hegemônico, até porque se aproximaria do alinhamento com o sistema capitalista, apesar de tantas características comuns nos empreendimentos de Economia Solidária. Pode ser definida,

[...] como um processo de aprendizagem de como praticar ajuda mútua, a solidariedade, igualdade de direitos no âmbito dos empreendimentos e, ao mesmo tempo, fazer com que estes sejam capazes de melhorar a qualidade de seus produtos, as condições de trabalho, o nível de ganho dos sócios, a preservação e recuperação dos recursos naturais colocados à sua disposição (GADOTTI, 2009, p.13).

Verifica-se que as práticas na ECOSOL consagram atitudes de aprendizagens. Soma-se a isso, “a economia solidária envolve pessoas comprometidas com um mundo mais solidário, ético e sustentável. Em razão disso, a economia solidária está estreitamente ligada à educação transformadora”. (GADOTTI, 2009, p. 24). Logo, torna-se importante entendê-la como um ato pedagógico, dentro da proposta de educação popular.

No Brasil, a proposta de educação transformadora está vinculada aos pensamentos de Paulo Freire, inseridos diretamente na educação popular. A pedagogia libertadora entende que a educação tem um papel primordial de transformação da sociedade.

O Centro de Assessoria Multiprofissional - CAMP afirma que a Educação Popular pautada em Paulo Freire traz em sua essência, elementos inerentes, como: o diálogo, amorosidade, realidade concreta, construção do conhecimento, conscientização, transformação da realidade e sistematização das experiências e do conhecimento. Nesse sentido, a Educação Popular visa à emancipação do povo, a transformação da realidade e a construção da justiça política, econômica e socioambiental (CAMP, 2017).

Para Freire (2017), o conhecimento surge da ação. Mas para produzir conhecimento, não basta apenas agir. É preciso refletir e sistematizar a prática (ação-reflexão-ação). Na visão de Saul (2016, p.217), “a práxis é o conceito que explicita o princípio da reflexão sobre a prática”. Ou seja, na proposta de educação emancipatória todas as ações estão vinculadas entre o pensar e o fazer.

Kruppa (2005) orienta que a metodologia adotada inicialmente na Educação Popular deve ser aquela que vincule o pensar ao fazer. Ou seja, as ações pedagógicas devem levar em consideração a reintegração dos saberes dos sujeitos (alunos ou trabalhador), articulando as práticas cotidianas de vida e trabalho, dando sentido ao processo ação-reflexão-ação.

Gadotti (2009) acrescenta a importância da autogestão como fundamento metodológico, pois, assim, não se separa o trabalho manual e trabalho intelectual. “A metodologia autogestionária une e humaniza o que o capitalismo divide, e desumaniza em suas hierarquias valorativas. A metodologia autogestionária é o caminho para uma nova sociedade”. (SENAES/MTE, 2006, p.21).

Em 2005, foi realizada a I Oficina Nacional de Formação/Educação em ECOSOL pela Secretaria Nacional de Economia Solidária. No ano seguinte, foi elaborado um documento que direcionou princípios e diretrizes, conteúdos e metodologias que devem ser aplicadas nas formações em Economia Solidária. (SENAES/MTE, 2006).

Os princípios dos processos educativos e formativos na ECOSOL são pautados na realidade construída e reconstruída, de forma contínua, pelos sujeitos que fazem parte das experiências da Economia Solidária. Orienta-se ainda a horizontalidade das relações entre os seres humanos, independente das condições de gênero, etnia e religiosidade. Objetiva-se, assim, nas formações de educação em ECOSOL,

[...] a construção de novas relações entre as pessoas, e também entre elas e a natureza, estimulando processos de trabalho e práticas socioambientais [...] As práticas educativas buscam o reencontro dos seres humanos consigo mesmos, com o planeta e o universo (SENAES, 2006, p.15).

Percebe-se que os processos educativos inspirados nas experiências de ECOSOL buscam a libertação dos sujeitos, a autogestão, a autoestima, a organização dos trabalhadores e trabalhadoras, resgatam a cultura popular, valorizam as experiências vividas e o trabalho, não o capital. Diante da relação entre ECOSOL e Educação Popular em seu caráter participativo, contestatório, alternativo e alterativo, Gadotti (2009, p. 23) conclui que “[...] a Economia Solidária é uma práxis pedagógica”.

## **Desenvolvimento Sustentável: Conceitos e atitudes Educativas**

As primeiras cogitações sobre o conceito de desenvolvimento sustentável surgiram no ano de 1979, na Assembleia Geral das Nações Unidas. Mas foi em 1987, no relatório “Nosso Futuro Comum”, que o conceito foi disseminado mundialmente. Esse relatório foi produzido depois de três anos de estudos pela Comissão das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento.

O Relatório “Nosso Futuro Comum” (1991) viabiliza a incompatibilidade entre os padrões de produção e consumo e o desenvolvimento sustentável, traz para o debate a necessidade de uma nova relação entre “ser humano e meio ambiente”, também leva em consideração a preservação dos recursos que não são renováveis e orienta que essas matérias-primas durem até as descobertas de substitutos. Ou seja, o desenvolvimento deve respeitar os sistemas naturais da terra, como: as águas, os solos e os seres vivos.

Para Oliveira (2015), este relatório ressalta o respeito a cada ecossistema, para que os impactos ambientais sejam minimizados. Chama atenção do uso de novas tecnologias, pois as mesmas podem resolver problemáticas atuais, mas suscitar maiores problemas futuros. Ou seja, o relatório define o conceito de desenvolvimento sustentável como “[...] aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as futuras atenderem às suas próprias necessidades” (RELATÓRIO NOSSO FUTURO COMUM, 1991, p.46).

Costa (2010) faz uma revisão crítica em relação aos conceitos de desenvolvimento sustentável (sustentabilidade). Para o autor, o desenvolvimento sustentável não se esgota na questão ambiental, deve relacionar-se numa perspectiva global. Portanto, harmonizar-se nas dimensões ambiental, econômica, social, política, cultural e ética.

Segundo Gadotti (2009, p.29), “para ser sustentável, o desenvolvimento precisa ser ambientalmente correto, socialmente justo, economicamente viável e culturalmente respeitoso das diferenças”. Frisa que a ecologia vai além dos problemas somente ambientais. Porém, o autor afirma que mesmo com algumas críticas ao conceito de desenvolvimento sustentável, houve avanços significativos na prática.

Gerou consciência ambiental do risco que estávamos correndo se continuarmos na rota predatória do desenvolvimento capitalista. Gerou ações locais para sustentabilidade (“agenda 21 local”), gerou códigos de ética como a Carta da Terra [...] e movimentos como a atual Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (2005 a 2014) (GADOTTI, 2009, p. 29).

Na obra “Pedagogia da Terra”, o desenvolvimento sustentável é apresentado como componente educativo formidável. A ecopedagogia surge como proposta pedagógica para alcançar o aprendizado a partir da vida cotidiana. Ou seja, “[...] a ecopedagogia teve origem na “educação problematizadora” que se pergunta sobre o sentido da própria aprendizagem” (GADOTTI, 2000, p.80).

Aponta-se a relação da ecopedagogia ao pensamento Freireano, cujo aprendizado centra-se na relação entre os sujeitos que “aprendem em comunhão”. A educação para o desenvolvimento sustentável não pode ser vista somente na escolarização, mas nos processos educativos não formais, informais e formais, os quais conscientizam os sujeitos na luta pela sustentabilidade ambiental, econômica, política e social.

As pedagogias tradicionais, fundadas no princípio da competitividade, da seleção e da classificação, não dão conta da formação de um cidadão que precisa ser mais cooperativo e ativo. A educação ambiental em muitas escolas tem sido o ponto de partida dessa conscientização, embora se saiba que a educação para um futuro sustentável é mais ampla que uma educação ambiental ou escolar (GADOTTI, 2000, p.87).

Conforme Leff (1999) reconhece também a influência freireana para a educação ambiental, apresenta o conceito de “complexidade ambiental”, no qual, os sujeitos devem voltar-se para seu entorno, para sua cultura, e reapropriar-se de seu mundo através de suas realidades empíricas,

buscando a transformação social.

Partindo destes pressupostos, percebe-se a necessidade de uma visão mais ampla sobre a incorporação do meio ambiente à educação, pois, na visão dos autores citados acima, essa relação ainda se limita em internalizar somente valores de conservação da natureza e nos ambientes escolares.

Diante da concepção que a educação para o desenvolvimento sustentável deve perpassar pela educação formal, não formal e informal, torna-se relevante analisar as relações educativas discutidas em movimentos sociais ou feiras de agricultores (agroecológicas), por exemplo.

## Caminhos Metodológicos

Utilizou-se uma abordagem qualitativa – descritiva que segundo Gil (2017), tem como objetivo descrever determinadas características de um povo ou grupo, de fenômeno ou experiência. Ou seja, levantar opiniões, atitudes e crenças de uma população. E para os procedimentos técnicos da pesquisa, foi utilizado o Estudo de Caso que se concentra “[...] em um caso particular, considerado representativo de um conjunto de casos análogos. A coleta de dados e sua análise se dão da mesma forma que nas pesquisas de campo, em geral” (SEVERINO, 2016, p.128).

A pesquisa foi realizada na Feira do Agricultor Familiar de Bragança. Em virtude de toda organização documental, arquivo fotográfico e histórico de nove anos pautados nas experiências de Economia Solidária (ECOSOL). Está situada no centro comercial da cidade e acontece aos sábados pela manhã. Para a seleção dos sujeitos da pesquisa, foram estabelecidas parcerias com a coordenação da Cáritas Diocesana de Bragança-PA e Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Bragança (SPPRB), uma vez que estas instituições realizam trabalhos de formação e assessoria em economia solidária na região bragantina.

Foram selecionados 13 (treze) sujeitos, 03 (três) educadores sociais em ECOSOL e 10 (dez) feirantes. Esta amostra foi definida considerando o difícil acesso aos entrevistados. Segundo a Cáritas, essa dificuldade é caracterizada pelo quantitativo mínimo de educadores com formação específica em economia solidária no município de Bragança. E no que diz respeito aos feirantes, muitos residem no meio rural, com localização distante e de difícil acesso.

Dos 03 (três) educadores selecionados, 02 possuem especialização em ECOSOL e 01 Graduação em Licenciatura em Educação do Campo. Já dos 10 (dez) feirantes considerou-se na seleção: os mais antigos, representatividades locais e de outros municípios. Ficaram distribuídos da seguinte forma: 02 (dois) representantes mais antigos, que trabalham no local desde o ano de 2009, 02 (dois) da *região da colônia*, 02 (dois) da *região dos campos*, 02 (dois) da *região da praia* e 02 (dois) representantes de município vizinho. Esse “mapeamento” é conhecido de forma genuína pelo povo bragantino.

Ao longo do tempo, denominaram popularmente essas regiões por suas características naturais e históricas. A “região da colônia”, por exemplo, fica localizada a cerca de 25 km da sede do município de Bragança – PA e tem como referência a localidade Benjamim Constant. Este espaço recebeu esta denominação porque foi núcleo colonial no período da construção da Estrada de Ferro Belém-Bragança. A “região dos Campos” é conhecida pelos bragantinos em virtude de suas grandes áreas, com terrenos baixos, sujeitos a oscilações, pois, de janeiro a julho, os campos estão inundados, e de julho a dezembro, ficam quase secos. A “região da praia” é relacionada aqueles que vivem nas praias bragantinas, onde a principal atividade economia é a pesca e mariscagem, ato de pegar e catar mariscos.

Os instrumentos, observação participante e entrevista semi-estruturada foram utilizados para coletar e analisar os dados da pesquisa. A observação participante consistiu na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Destacam-se os seguintes questionamentos da entrevista: Qual entendimento dos sujeitos sobre economia solidária? Houve formação para esses sujeitos? Qual pedagogia e metodologia utilizadas nas formações? O que a Feira do Agricultor Familiar faz para cuidar do meio ambiente? Existe alguma preocupação com as gerações futuras? Estas questões permitiram liberdade ao entrevistado, e a possibilidade de surgir novos questionamentos não previstos pelo pesquisador, o que ocasionou melhor compreensão do objeto em questão.

Diante das observações e entrevistas realizadas com educadores populares e agricultores,

no período de janeiro a junho de 2018, objetivou-se analisar as relações entre economia solidária, educação e desenvolvimento sustentável na Feira do Agricultor Familiar de Bragança. A entrevista foi gravada e, na transcrição das falas, foram realizadas adequações ortográficas sem descaracterizar o conteúdo da entrevista e, conseqüentemente, a análise dos dados. A pesquisa respeitou as normas de ética existentes e passou por um comitê para sua aprovação e liberação. A identidade dos entrevistados foi preservada e o pseudônimo apresentado nas citações está de acordo com a representatividade destes sujeitos, educadores e feirantes.

## Resultados e Discussão

### Educadores Sociais e a Feira do Agricultor Familiar

Na visão dos educadores, a troca de experiência entre os feirantes tem caráter pedagógico, pois cada um partilha saberes. Segundo os formadores, alguns elementos fazem parte das formações: exercício do cotidiano, reflexão sobre a prática, respeito ao saber de cada sujeito, cuidado com meio ambiente e a autogestão.

Os feirantes mais antigos na prática de Economia Solidária contribuem com os que estão iniciando esse tipo de comercialização.

“Seu Cachaça” está recente na feira. Outro dia, no debate, um dos agricultores relatou que tem buscado experiências de agroecologia a partir das condições que ele tem. Quando não tinha uma bomba, utilizava balde para molhar as plantas. “Seu Cachaça”, que vem de outra formação, disse: “Isso não é produção, pois não posso molhar minha roça carregando água no balde!”. Mas, naquele momento eram as condições que aquele agricultor tinha. Isso ajuda o outro que está ainda com a cabeça empresarial, em outro sistema, a refletir essas práticas (Especialista em Economia Solidária 02).

Percebe-se, no depoimento, que a economia solidária não é simplesmente natural para todos. Segundo Singer (2005, p.15),

Ela exige dos indivíduos que participam dela um comportamento social pautado pela solidariedade e não mais pela competição. Mas, as pessoas que passam do capitalismo à Economia Solidária foram educadas pela vida a reservar a solidariedade ao relacionamento com familiares, amigos, companheiros de lutas. Isto é, com pessoas as quais estão ligadas por laços de afetividade e confiança.

Perante o depoimento da especialista em Economia Solidária 02, de maneira idêntica ao pensamento de Singer, nota-se que a formadora tem a concepção do desafio pedagógico e a importância da reeducação destes sujeitos para economia solidária.

Ademais, clarifica-se que essa reeducação que ocorre na Feira Agricultor Familiar de Bragança está pautada principalmente nas concepções de educação não formal e informal e na perspectiva da educação popular. O processo educativo que acontece neste espaço coletivo não se volta somente para ensinamentos teóricos, mas prático. “A formação deste grupo é uma formação na atuação do cotidiano. São formações da prática, como nós chamamos!” (Educadora 01).

A visão pedagógica apresentada pela educadora 01 em relação às práticas educativas na Feira do Agricultor Familiar de Bragança convém com a concepção de Gadotti (2009, p.36), “[...] essa é uma pedagogia a ser construída com a prática. Aqui, vale a advertência de Paulo Freire: “ninguém ensina nada a ninguém. Aprendemos juntos, em comunhão”. Não se trata apenas de oferecer cursos. Trata-se de construir valores, uma cultura, juntos”.

De maneira idêntica Singer (2005, p.16) contribui,

[...] essa visão não pode ser formulada e transmitida em termos teóricos, mas apenas em linhas gerais e abstratas. O verdadeiro aprendizado dá-se com a prática, pois o comportamento

econômico solidário só existe quando é recíproco. Trata-se de grande variedade de práticas de ajuda mútua e de tomadas coletivas de decisão, cuja vivência é indispensável para que os agentes possam aprender o que deles espera-se e o que devem esperar dos outros.

A formação que acontece na feira está vinculada entre o pensar e o fazer. Evidencia-se que essa relação entre teoria e prática que acontece nas vivências da Feira do Agricultor Familiar aproxima-se das concepções de Singer e Gadotti. Assim, constata-se que a experiência de economia solidária que acontece na feira é uma práxis pedagógica.

Segundo o grupo de agricultores pesquisados, apesar da maioria dos feirantes ter vasta experiência em agricultura tradicional, ainda aprende com as ações do outro. Intercâmbios são realizados entre as comunidades vizinhas (Vila-que-Era, Jararaca e Tauari). Essa prática é conhecida entre eles como “Dia de Vivência”.

O agricultor dos campos 01 relatou que ainda não conhecia em Bragança um tipo de cultivo, mas aprendeu em uma visita realizada na comunidade de Igarapé-Açú-PA.

Fomos conhecer outros tipos de sistema de agricultura e plantio. Nós fomos até a plantação de um rapaz que tem um SAF. O SAF é um sistema de plantio que você planta uma série de produtos no mesmo espaço. Você planta abacaxi, planta banana, planta macaxeira, e planta madeira, ipê, andiroba. Enquanto essa árvore não está muito grande para sombrear tudo, você está tirando o abacaxi, a macaxeira, banana. Você colhe na mesma área. Evita você fazer uma área de banana, por exemplo. Você planta associado (Agricultor dos campos 01).

O grupo pesquisado foi questionado sobre o compromisso sócio ambiental da Feira dos Agricultores com o desenvolvimento sustentável em Bragança. A este respeito, tanto os formadores como os participantes apresentaram comungar com a ideia de ligação direta da feira com o meio ambiente.

### **Economia Solidária: Possibilidade de Mudança na Sociedade**

Os educadores e agricultores, quando perguntados sobre o tema Economia Solidária, definiram de forma consensual como a “possibilidade de mudança na sociedade” através de ações coletivas, solidárias e comprometidas com o meio ambiente.

O grupo pesquisado acredita que o consenso da conceituação sobre ECOSOL seja pelo fato das formações, uma vez que todos tiveram a oportunidade de participar. Porém, os agricultores mais antigos, os quais fazem parte da feira desde a fundação no ano de 2009, acrescentaram que já conheciam essa prática, mas com outro nome, como, por exemplo, mutirão,

[...] já venho trabalhando isso desde muito tempo. Antes de eu vir para Bragança, eu morava no Broca, que hoje é Santa Luzia. Eu era presidente de uma associação, a Associação Canvieira. Isso foi em 1977. De lá, eu comecei a trabalhar com esse negócio de mutirão, de trabalhar com outras pessoas. Aprofundou mais depois que nós começamos a trabalhar diretamente com a Cáritas. A Cáritas trabalha diretamente essas coisas. Economia solidária é o serviço da Cáritas (Agricultor Antigo 01).

Em 83/84, nós participamos de um curso para agentes de extensão rural, ministrado pela EMATER. Daí que vim conhecendo economia solidária. Em 1984, veio um cidadão do Rio Grande do Sul. Ele era da EMATER. Fez um encontro com nós, e ele trouxe um monte de vídeos, mostrando o que era uma feira da agricultura familiar (Agricultor Antigo 02).

É evidente na fala dos sujeitos entrevistados que a temática economia solidária está intrínseca em suas vidas. Isto é, já vivenciavam em suas comunidades práticas solidárias e de cooperação, que foram fortalecidas através de formações populares.

Hoje, percebem que podem vender seus produtos de forma mais justa. Tudo é 20% mais barato do que na feira tradicional. Ou seja, justo para quem produz e para quem consome. “A feira é um espaço onde nós vendemos a produção. Não precisamos prestar conta com ninguém, fazemos comercialização direta entre agricultor e consumidor. Você tira o atravessador” (Agricultor antigo 01). Reflexões como esta deixam claro que os feirantes conhecem os princípios e características de ECOSOL, o que caracteriza a Feira do Agricultor Familiar de Bragança como uma experiência de economia solidária.

Entretanto, apesar de 09 anos de feira, o aprendizado ainda é contínuo, a reflexão sobre a prática é permanente. Ainda se percebe que alguns participantes tendem ao retrocesso das práticas embasadas na ECOSOL (Especialista em Economia Solidária 01).

Na Feira, há aceitação de todos, mas, às vezes, há o recuo de alguns. “Meu é meu, e eu vendo por quanto quero!”. Já teve uns companheiros daqui da comunidade do Km 18 que, quando chegou à feira e viu a orientação: “você traz a tua farinha empacotada para cá, e traz uma amostra para o consumidor para evitar que estejam metendo a mão dentro do saco da farinha. Porque um fuma e mete a mão no saco da farinha. Outro vem, agarra e mete a mão dentro do saco da farinha e deixa tudo bagunçado. Então queremos fazer uma coisa mais organizada”. A farinha é empacotada. Todo feirante traz uma garrafinha, com a mostra da farinha para o consumidor. Se ele quiser provar, coloca-se na mão. Isso evita meter a mão no saco da farinha. Houve resistência nesta parte. O cara veio umas duas vezes e desistiu. Outra coisa: ninguém fuma dentro da feira. Essas e outras regras espantaram muita gente de vir trabalhar conosco aqui na feira (Agricultor familiar da Região da Colônia 01).

Pensando neste recuo dos princípios da ECOSOL, existe uma “comissão da feira”, com representação da Empresa de Assistência Técnica e extensão Rural (EMATER), Cáritas, Sindicatos dos Trabalhadores Rurais e lideranças das comunidades, para realizar visitas às propriedades dos feirantes associados, com intuito de reorientá-los sobre economia solidária e a degradação ambiental.

Como todos os sujeitos pesquisados declararam ter participado de formações em Economia Solidária, foi solicitado o relato de como acontece essas formações. Segundo os educadores populares, a formação em Economia Solidária acontece de forma contínua para os trabalhadores e trabalhadoras da Feira do Agricultor Familiar de Bragança.

Em relação à aprendizagem sobre ECOSOL na Feira da Agricultura Familiar, todos os sujeitos pesquisados participaram de algum momento educativo, seja através de instituições superiores, de reuniões, debates, filmes, ou até mesmo uma visita à outra comunidade. Segundo a coordenação do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Bragança, as formações da Feira acontecem através das orientações da Cáritas Diocesana de Bragança e EMATER, entre os próprios sujeitos e intercâmbios entre comunidades.

Nos momentos de formação, são organizados temas de acordo com a realidade dos sujeitos. Já emergiram temáticas como: “Comer para viver, e não comer para morrer”, “Mata em pé”, “Vida e missão neste chão”, etc. Nesse momento pedagógico, os sujeitos da Feira adquirem visão crítica, revisam suas práticas e fazem o exercício no cotidiano. “Já tivemos vários cursos. Teve um na Emater, nós passamos o dia inteiro lá. Essa discussão foi para fazer uma proposta nossa para apresentar para a prefeitura” (Feirante da região da colônia 01).

A Cáritas considera que “as discussões teóricas mais densas sejam adaptadas ao grupo. São ponderadas as dificuldades individuais, alguns feirantes não sabem ler, nem escrever. Portanto, as formações tendem a ser lúdicas e adaptadas para todos” (Especialista em ECOSOL 01).

## Comer para Viver, e não Comer para Morrer: A Prática do Cuidado com a Vida

Nesta seção, tendo como base a sustentabilidade, procurou analisar a possível relação da práxis pedagógica que acontece nas experiências de economia solidária e o desenvolvimento sustentável na Feira do Agricultor Familiar em Bragança.

Para Neto e Bergamasco (2017), alguns movimentos, como a “Revolução Verde”, modificaram a forma de produzir, fazer agricultura e ocupar o campo. Essa “modernização” produtivista transformou a agricultura e a aproximou do processo industrial através da mecanização, da modificação genética e do uso de insumos químicos. A agricultura foi artificializada e passou a ser organizada a partir da lógica do capital.

Essa transformação vem aumentando as indústrias produtoras de fertilizantes, herbicidas, pesticidas, adubos, maquinários, sementes, vacinas e medicamentos. Com essas técnicas e tipos de produtos, a consequência tem sido o empobrecimento do solo, a queda de produtividade da terra, os desequilíbrios nos ecossistemas, degradação ambiental, pobreza e êxodo rural. Ou seja, a insustentabilidade na agricultura tradicional.

Contrário ao contexto exposto evidenciam-se esforços para a mudança desse panorama. Os conhecimentos empíricos e as formações na atuação do cotidiano que acontecem na Feira do Agricultor Familiar de Bragança tornam-se práxis pedagógica e atribuem valores solidários e agroecológicos aos produtos comercializados nestes espaços.

Segundo os sujeitos entrevistados, a Feira do Agricultor Familiar gera trabalho e renda a partir do trabalho cooperativado, não permite a utilização de agrotóxicos em seus produtos e estabelece o cuidado com meio ambiente e com a vida.

Em nossa feira, não queremos o trabalhador que venda produtos tratados com agrotóxicos. Tem que ser orgânico. Seja verdura, seja farinha! A farinha que vem para cá, a roça não pode ter veneno! Nós fazemos essa fiscalização para ver se a pessoa está usando veneno ou não, porque nós fazemos a propaganda: “aqui, nosso produto é livre de agrotóxico”. Aí, de repente, o camarada vai até a comunidade e vê que fulano colocou veneno (Agricultor familiar da região da colônia 02).

Este ponto de vista assemelha-se ao conceito de Ricotto (2002). Este tipo de feira, também conhecida como feiras agroecológicas, valoriza a agricultura familiar e promove mudança econômica de pequenos e médios agricultores, dando oportunidade para o fortalecimento ao cooperativismo e Economia Solidária.

Martins (2010) apresenta a agroecologia como uma nova relação entre os seres humanos, e destes com a natureza, pois são reproduzidos alimentos saudáveis, recupera-se, preserva-se a natureza e reorganiza-se o trabalho, deixando a alienação de lado e possibilitando a segurança alimentar. Além disso, organizam-se experiências solidárias de circulação desses alimentos em feiras locais.

A não utilização de agrotóxicos, o cuidado alimentar da família, a valorização do ser humano e do meio ambiente estão vinculados aos princípios de economia solidária, pois “sustentabilidade e solidariedade são temas emergentes e convergentes” (GADOTTI 2009, p.27). Essa relação converge como possibilidade efetiva de alcançar o desenvolvimento sustentável de forma plena, ou seja, nos aspectos ambiental, econômica, social, política, cultural e ética.

No diálogo estabelecido com os educadores, as opiniões dos mesmos dirigiram-se para a ideia de que as memórias, valores, saberes e práticas tradicionais destes feirantes facilitam suas inter-relações com os cuidados ambientais e com as gerações futuras.

Porém, reconhecem que os conteúdos (prática do cuidado com a vida, autogestão, organização e práticas de comercialização) advindos da práxis pedagógica da Economia Solidária também contribuem com o nível de conscientização ambiental destes sujeitos. Isto se aproxima da concepção de Gadotti (2009, p.33),

[...] as práticas de economia solidária envolvem uma mudança cultural que só a formação pode estabelecer. A economia

solidária está fortemente ligada à necessidade de formação cultural. Trata-se de uma mudança profunda de valores e princípios que orientam o comportamento humano em relação ao que é e ao que não é sustentável.

Outra atitude da Feira do Agricultor Familiar que é tendente ao desenvolvimento sustentável são as ações dos agricultores em seus espaços de trabalho. Percebe-se que são práticas cuidadosas, não exploratórias e nem destrutivas, como, por exemplo, o cuidado com a água: “[...] a orientação que recebemos é não deixar queimar o mato, não colocar roça nas margens dos igarapés. Têm que deixar no mínimo 20 braças do rio. Para não queimar a margem do igarapé” (Agricultor dos Campos 02).

Nas conversas com os sujeitos pesquisados, percebeu-se a necessidade de preservar os rios e igarapés: mostraram consciência sustentável de que a destruição das nascentes pode acarretar problemas hídricos futuramente. Esta análise torna-se mais patente quando estes sujeitos aplicam o aprendizado das formações técnicas da EMATER, ou seja, quando sistematizam o processo de ação – reflexão – ação. Os resultados são estes,

[...] recebemos recomendações para não colocar a mandioca na água. Que se faça tanque. Nós já temos na comunidade do “Jararaca” pessoas que já trabalham com tanque para não jogar mandioca no rio. A mandioca no rio causa problema, o tucupi [suco retirado da mandioca mata o peixe. Nesse período de inverno, não, que a água está forte e leva. Mas quando chega o verão, a mandioca que é colocada, os peixes morrem. O tucupi é muito forte (Agricultor da Colônia 01).

Estas atitudes consagram cuidados com a vida. Ou seja, cuidar dos rios e igarapés é uma atitude que busca o desenvolvimento sustentável. Outra ação dos feirantes é a plantação de mudas para serem distribuídas entre eles, que também pode ser considerado como atitude que gera cuidados e preservação da natureza. “Fizemos um canteiro com a EMATER para plantar mudas de cupuaçu, cacau, graviola, para distribuir” (Agricultor dos Campos 01).

Um único agricultor, diferentemente da maioria, não vem fazendo mudas de plantas frutíferas, mas de plantas altas, que levam mais tempo para atingir a “vida adulta”. Deu como exemplo o plantio da Andirobeira. Quando questionado porque não plantava mudas de frutas, surpreendeu respondendo: “[...] estou plantando andiroba. Sei que vai demorar para crescer, mas vai ficar para outras pessoas”. (Agricultor da Colônia 01).

Sem margem de dúvidas, esse pensamento sustentável comunga com as interpretações de Neto e Bergamasco (2017, p.214) ao afirmarem que “[...] nessa relação ‘renovada’ com a natureza, mediada por um trabalho menos subordinado ao capital, a interação com o espaço se modifica, pois, o território não é só organizado para acumular riquezas”. Essa relação entre homem e natureza torna-se elemento significativo para o desenvolvimento sustentável.

## Considerações Finais

Conceituar separadamente educação, economia solidária e desenvolvimento sustentável não são tarefas tão difíceis. A dificuldade está em relacioná-las. Fica evidente a relação destes elementos no texto. Todavia, essas categorias, ao serem relacionadas, adquirem um caráter de utopia e inovação de conceitos que ainda não estão tão explícitas para sociedade.

Para perceber esta afinidade, fica óbvio a necessidade de uma visão holística por parte da sociedade atual, onde todas as formas de educação (formal, não formal e informal) sejam contempladas para, assim, tornar o ser humano protagonista de questões sociais e ambientais.

Não é qualquer racionalidade que fará perceber que a educação pode ser contemplada em diversos ambientes, diferentes ao escolar, principalmente os sujeitos que foram e são frutos da educação tradicionalista, bancária e se conformam com a “naturalidade” que o capitalismo se instala em suas vidas.

Clarifica-se que a educação para a sustentabilidade está além do muro escolar, de datas “fixadas” em calendário, e de metodologias que se baseiam somente em termos de ensino teórico, bem como de temáticas que se preocupam somente com a ecologia voltada para problemas ambientais, esquecendo-se dos problemas sociais.

Torna-se relevante evidenciar uma das principais experiências sociais de estímulo à preservação do meio ambiente. As experiências de Economia Solidária, mesmo ainda não tão conhecida pelos bragantinos, possuem um caráter pedagógico providencial. Baseia-se em aprendizagens comprometidas com um mundo mais solidário, justo, ético e sustentável. Toda ação proposta está vinculada entre o pensar e o fazer.

Neste sentido, a experiência de economia solidária vivenciada na Feira do Agricultor Familiar de Bragança-PA apresenta-se como práxis pedagógica, a qual é realizada através de formações da Cáritas Diocesana de Bragança e EMATER, entre os próprios sujeitos e intercâmbios entre comunidades. A Feira, além de espaço coletivo de trabalho, configura-se como um lugar vinculado à educação popular, onde os sujeitos aprendem em comunhão e no exercício do cotidiano.

As atitudes de preservação da natureza e de desenvolvimento sustentável, por parte dos feirantes, estão ligadas diretamente às práticas tradicionais e saberes populares que estes carregam ao longo de suas vidas. Entretanto, outro fator primordial que potencializa o cuidado com o meio ambiente e a sustentabilidade entre os agricultores são as formações que acontecem em movimentos sociais ou feiras de agricultores.

Este processo educativo informal e não formal que ocorre na atuação cotidiana, vinculados entre o pensar e o fazer e a sistematização de novas ações, transformam a racionalidade sócio ambiental destes feirantes, potencializando suas concepções de que a natureza é parte essencial da vida, a constante solidariedade na agricultura e o cuidado alimentar do outro. Tudo isso faz com que esses sujeitos não visem lucros, como no capital, mas busquem o bem viver em sociedade.

Assim sendo, espera-se a visibilidade de estudos sobre essa relação práxis pedagógica, própria da economia solidária e o desenvolvimento sustentável, a qual proporciona melhoria nas condições de vida, trabalho, educação, e afirmam sujeitos cada vez mais autônomos de suas práticas.

Além disso, fica a provocação construtiva da possibilidade real de inserção de todo potencial educativo da economia solidária no currículo da EJA Bragantina, com o intuito de relacionar as memórias, valores, práticas, saberes e posturas compartilhadas de experiências sociais e coletivas, próprias da região bragantina, que geralmente são desvalorizadas por currículos hegemônicos.

## Referências

BRASIL. Resolução CONAMA nº 10, de outubro de 1993. **Diário Oficial da União**. Brasília, 1993.

\_\_\_\_\_. Secretaria Nacional de Economia Solidária. **Ministério do Trabalho**: I oficina nacional de formação/educação em Economia Solidária. Brasília: TEM, Senaes, SPPE, DEQ, 2005.

\_\_\_\_\_. **CAMP – Centro de Assessoria Multiprofissional Porto Alegre**: SENAES/MTB. 2017. Disponibilidade em: <http://camp.org.br/>. Acesso em: 10 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. **Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento**: Nosso Futuro Comum. 2. Ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991. Disponibilidade em: <https://edisciplinas.usp.br/>. Acesso em 05 de out. 2019.

CORDEIRO, I. M. C. C.; ARBAGE, M. J. C.; SCHWARTZ, Gus. **Nordeste do Pará**: configuração atual e aspectos identitários. Embrapa Amazônia Oriental, 2017.

COSTA, A. A. Agricultura Sustentável I: conceitos. **Revista de Ciências Agrárias**, Lisboa, v.33 n.2, p. 61-74, dez. 2010.

COSTA, P. P. R. Os impactos ambientais sobre a planície costeira bragantina: da construção da PA-458 a ocupação desordenada na praia de Ajuruteua. **Anais**. III Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental,

3. Goiânia – GO. 2012. Disponibilidade em: <https://www.ibeas.org.br/congresso/Trabalhos2012/XI-046.pdf>. Acesso em: 10 de out. 2019.

FERREIRA, E. S. Análise socioambiental da feira livre do município de Bragança- PA. **Anais. III Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental**, 3. Goiânia – GO. 2012. Disponibilidade em: <https://www.ibeas.org.br/congresso/Trabalhos2012/XI-046.pdf>. Acesso em: 10 de out. 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 54ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2017.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 67ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2013.

GADOTTI, M. **Economia Solidária como Práxis Pedagógica**. 1ª ed. São Paulo: Editora e Livraria Paulo Freire, 2009.

\_\_\_\_\_, Moacir. **Pedagogia da terra**. 6ª ed. São Paulo. Editora: Petrópolis, 2000.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**: 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GLASER, M; CABRAL, N.; RIBEIRO, A. (Org.) **Gente, ambiente e pesquisa**: manejo transdisciplinar no manguezal. Belém: NUMA; UFPA, 2005.

HICKENBICK. C. **Economia solidária e arranjos produtivos locais**. 1ª ed. Florianópolis: IFSC, 2014.

KRUPPA, S. P. **Economia solidária e educação de jovens e de adultos**. Brasília: INEP – Instituto Nacional Educacional Anísio Teixeira, 2005.

LEFF, E. Educação ambiental e desenvolvimento sustentável. In: REIGOTA, Marcos. **Verde cotidiano**: o meio ambiente em discussão. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

MARTINS, A. Agroecologia: modelo que une alimentos saudáveis e luta por Reforma Agrária. **Revista Sem Terra**: edição especial Agroecologia, 2010.

NETO, W. M.; BERGAMASCO, S. M. P. P. A experiência agroecológica e o fortalecimento da racionalidade camponesa na relação com a natureza. In: DELGADO, G. C.; BERGAMASCO, S. M. P. P.; (Orgs.). **Agricultura familiar brasileira**: desafios e perspectivas de futuro. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, p. 191-222, 2017.

OLIVEIRA, E. Desenvolvimento sustentável e economia solidária: uma conexão necessária. **Revista VITAS – Visões Transdisciplinares sobre Ambiente e Sociedade**, Rio de Janeiro, v 4, nº 11, setembro. 2015.

RICOTTO, A. J. **Uma rede de produção e comercialização alternativa para a agricultura familiar**: O caso das feiras livres de misiones, Argentina. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

SACHS, I. **Desenvolvimento Includente, Sustentável e sustentado**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SAUL, A.; GIOVEDI, V. M. A pedagogia de Paulo Freire como referência-metodológico para pesquisar e desenvolver formação docente. **Revista e-curriculum**, São Paulo, v.14, n.01, p.211. junho. 2016.

SINGER, P. A economia solidária como ato pedagógico. In: Kruppa, Sonia Portella (org.). **Economia solidária e educação de jovens e adultos**. Brasília: INEP - Instituto Nacional Educacional Anísio Teixeira, p. 1520, 2005.

SINGER, Paul. **Introdução à economia solidária**. 1ª ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23ª ed. São Paulo: Cortez. 2016.

Recebido em 27 de fevereiro de 2020.

Aceito em 17 de março de 2020.